

RUÍNAS DA ESTÂNCIA SANTA CLARA-QUARAÍ/RS: AS PRIMEIRAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS E A ANÁLISE DA CERÂMICA HISTÓRICA

Jaqueline Ferreira Pes¹, Saul Eduardo Seiguer Milder²

Resumo: O presente estudo apresenta as pesquisas realizadas nas Ruínas da Estância Santa Clara, uma estância localizada no município de Quaraí/RS, fronteira com Artigas no Uruguai. As primeiras intervenções de campo foram efetivadas no ano de 2009, dando continuidade ao projeto Salamanca desenvolvido pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria, que visa resgatar e valorizar o patrimônio arqueológico do Município. O objetivo das intervenções era conhecer o local, as estruturas remanescentes, e resgatar os vestígios materiais. Alguns aspectos da cultura material proveniente do sítio são apresentados no decorrer do trabalho, sendo que se deteve na análise da cerâmica histórica. Através da materialidade é possível resgatar o passado dessa estância, habitada por pessoas não reconhecidas pela historiografia, cujos documentos para estudo são escassos, contribuindo dessa forma para a compreensão das estâncias da região.

Palavras-Chave: Arqueologia Histórica, Estância, Cultura material

Abstract: This study presents a research on the Ruins of Estância Santa Clara, a resort located in the Quaraí / RS, Artigas, on the Uruguay border. The first field interventions were performed in 2009, continuing the Salamanca project developed by the Laboratory for Archaeological Studies and Research, Universidade Federal de Santa Maria, which aims to rescue and enhance the archaeological heritage of the county. The aim of the interventions was to recognize the place, the remaining structures, to photograph and rescue material remains. Some aspects of the material culture from the site are presented during the work and it was focused on the analysis of historical ceramics. By the materiality, it is possible to rescue the past of that ranch, inhabited by people not recognized by history, whose documents for study are scarce, thereby contributing to the understanding of the resorts in the region.

Key-words: Historical Archeology, Ranch, Material Culture.

Introdução

O objeto desta pesquisa é o Sítio Arqueológico Histórico Ruínas da Estância Santa Clara, que está localizado a 20 Km do município de Quaraí, no Estado do Rio Grande do Sul, na região de fronteira com o Uruguai. Pretende-se analisar a Estância sob o viés arqueológico, apresentando os resultados das primeiras intervenções realizadas no sítio e a análise da cultura material resgatada, objetivando conhecer aspectos do cotidiano dessa estância.

O estudo da Estância Santa Clara trará contribuições para o conhecimento da história e patrimônio arqueológico da cidade, e sobre das estâncias da região. Ao analisar os vestígios materiais resgatados busca-se não apenas uma análise quantitativa e aspectos técnicos dos materiais arqueológicos, pois a

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Maria/RS; Mestranda do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria.

² Prof. ° Dr. do Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria/RS e Arqueólogo coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria.

Arqueologia (...) não possui como objetivo o resgate de “peças” ou de “curiosidades” de uma sociedade. Tão pouco se realiza na identificação de antigas estruturas. Possui sim, o objetivo primordial de entender e explicar uma sociedade através de elementos materiais, produto de suas atividades e das relações destes elementos entre si e com o seu meio ambiente (ALBURQUERQUE, 1993, p.4).

Ao incorporar novas fontes, como a cultura material, cria-se a possibilidade de resgatar o indivíduo comum, as relações sociais a partir do cotidiano. No caso específico das estâncias, os vestígios materiais possibilitam novas versões, diferentes das consagradas pela historiografia tradicional, assim como explorar aspectos como a desigualdade, a hierarquia, o cotidiano e o poder aquisitivo dos indivíduos a partir da materialidade. Através da cultura material é possível investigar esses aspectos através de uma fonte que não os documentos escritos.

Metodologia

Ao desenvolver esse trabalho foi apresentada uma revisão sobre estâncias e algumas breves considerações sobre o conceito de fronteira. Também foram apresentadas as intervenções realizadas em 2009 e a análise da cerâmica histórica resgatadas no sítio, que além de ser um importante indicativo cronológico dos habitantes da estância, pode indicar *status*, escolhas e hierarquia.

A arqueologia histórica pode valer-se da disponibilidade de informações sobre os artefatos do período histórico para datar sítios e estruturas, tais informações sobre os artefatos podem ser: datas, marcas, registros de fabricantes, catálogos, etc. A análise de artefatos arqueológicos é baseada na definição dos métodos de manufatura, da matéria-prima empregada, dos locais onde foram produzidos, sua utilidade e onde esses materiais foram resgatados. No caso específico da Santa Clara, os vestígios materiais, como cravos, louças do tipo faiança fina, apontam para uma ocupação mais antiga, do século XIX, mas há presença de muito material do século XX, pois a ocupação se estendeu até o final deste. Há vestígios pré-históricos, que se evidenciam pela presença de materiais líticos no sítio, alguns sendo utilizados como material construtivo de preenchimento nas estruturas históricas.

Os vestígios materiais a serem analisados foram resgatados em duas prospecções realizadas pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas em 2009. Nas intervenções realizadas foram abertos poços-teste, sondagens controladas, trincheiras e um *full coverage survey*, além do registro fotográfico e da confecção de croquis do sítio.

Dos materiais resgatados aprofundou-se a análise das louças (cerâmica histórica). Cada material possui uma metodologia específica de análise, no caso da louça, estudada detalhadamente, a análise baseia-se na descrição da pasta (faiança, faiança fina, *Ironstone*, porcelana, grés, cerâmica vidrada e louça moderna), a do esmalte (*creamware*, *pearlware* ou *whiteware*), decoração e forma (prato, xícara, etc.). Além da análise dos aspectos tipológicos acima, busca-se compreender e explicar a forma como a sociedade vivia através da cultura material.

Foram feitas entrevistas com os antigos moradores e pessoas que contribuíram para construir o conhecimento a cerca do passado da estância. Outras fontes serão buscadas, como documentos escritos referentes a estância, cabendo lembrar que esta é uma propriedade de pessoas “comuns”, sendo que a documentação pode ser bastante restrita. E por isso da importância do estudo do material arqueológico, talvez a única fonte para reconstrução do passado das pessoas que habitavam a estância.

Desenvolvimento

Estância

Quanto às estâncias, elas tiveram suas origens no processo de formação do Rio Grande do Sul e algumas existem até o presente, embora tivessem passado por mudanças no decorrer do tempo quanto as suas características e funções.

O termo estância pode ser entendido atualmente “como um estabelecimento rural, voltado para uma economia de mercado com base na produção pecuarista” (GOMES, 2001, p. 25), sendo que a criação, principalmente de gado bovino, parece ser a única característica que se manteve imutável ao longo do tempo. As primeiras estâncias do território do que viria a ser o atual estado do Rio Grande do Sul, as missioneiras, datam do século XVII. Eram propriedades comunais organizadas pelos jesuítas espanhóis, com a produção voltada para a subsistência das comunidades missioneiras. O caráter de propriedade comunal é que difere as estâncias missioneiras das estâncias portuguesas.

As primeiras estâncias portuguesas se estabeleceram a partir da doação de sesmarias pela Coroa Portuguesa, para que se efetivasse a posse das terras, num período marcado por constantes conflitos e tratados entre a metrópole portuguesa e a espanhola, no qual os limites eram indefinidos: “os portugueses, usando da tática do *uti possidetis* concederam sesmarias a

civis com a intenção de forçar o avanço da linha demarcatória para o oeste” (REICHEL, 2006, p. 50). Ainda, segundo Thomasi:

Além de núcleo produtivo de gado, tanto para o consumo fora do estado, como também para o consumo interno, nas charqueadas, o estabelecimento de estâncias na fronteira oeste do Rio Grande do Sul insere-se na estratégia imposta pela Coroa Luso-brasileira na fixação dos limites, com uma efetivação da posse do território (2008, p.34).

A doação de sesmarias para aqueles que tivessem reunido uma quantidade de gado, teve efetiva importância na conservação do território para a Coroa Portuguesa. A maioria das estâncias se constituiu pela soma de sesmarias concedidas aos membros de uma família, configurando-se em grandes propriedades de terra. A estância, segundo Macedo, “era a instalação rural dedicada à pecuária onde vivia a família do grande proprietário de terra, seus escravos e alguns trabalhadores livres” (1983, p. 76). Por localizarem-se longe dos centros urbanos as estâncias deviam garantir seu auto-abastecimento.

Embora a maioria dos autores aborde a estância como grandes propriedades, Helen Osório (2006) ressalta a diversidade que existiu com relação às estâncias, tanto no que diz respeito a extensão das propriedades, quanto ao tipo de atividades desenvolvidas, que não restringiam-se apenas à atividade pecuária, mas também a agricultura. A autora aponta para a existência de pequenas, médias e grandes propriedades (OSÓRIO, 2006).

Segundo Gomes (2001), algumas mudanças ocorreram no final do século XIX, que acabaram modificando as características do estabelecimento estancieiro. Uma das mudanças verificadas é a divisão de grandes propriedades, que são partilhadas em heranças sucessivas. Nesse processo as grandes estâncias vão sendo recortadas sucessivamente pelo arado e a característica da estância enquanto grande propriedade vai se modificando.

Com o crescimento das cidades, surgem as influências da vida urbana sobre a vida nas estâncias. Os centros urbanos se tornam um atrativo para a família estancieira, que passa a residir nas cidades, relegando muitas estâncias a períodos de estada. Segundo Gomes:

Na campanha, no final do século XIX, o capataz passa a ser o principal responsável pelas atividades na estância, enquanto que, muitas vezes, as famílias preferem a vida mais amena nas cidades. As cidades vão tornando-se um atrativo irresistível, muitos dos herdeiros passam a preferir a vida urbana buscando, sobretudo, condições de estudo. (2001, p. 33,34).

Outra mudança, segundo Xavier, é que a estância volta-se cada vez mais para uma economia mercantil, desaparecendo a economia natural pelo desligamento progressivo da família, que se desloca para as cidades (1964, p. 83).

No período de ocupação da Estância Santa Clara as estâncias já passavam pelas mudanças mencionadas acima, cada vez mais estavam sendo divididas devido à partilha de heranças, e a vida urbana tornava-se um atrativo para muitas famílias de estancieiros.

As estâncias foram fundamentais para o estabelecimento da fronteira entre Brasil e Uruguai. Inicialmente, o principal objetivo desse tipo de estabelecimento era militar, sendo que posteriormente foi preciso povoar a região para garantir a posse e tornar as terras produtivas, assim, as estâncias passaram a ter um aspecto doméstico e familiar. As estâncias localizadas em Quaraí fazem parte de um espaço fronteiro, marcado no século XIX por constantes disputas entre as Coroas Portuguesa e Espanhola, e apresentavam um forte militarismo. Além do caráter belicoso, a fronteira é um ambiente dinâmico, onde são realizadas trocas comerciais através do contrabando.

A historiografia tradicional, ao analisar a fronteira, enfatizou os conflitos entre as Coroas Ibéricas e o heroísmo lusitano ao defender as terras do atual Estado do Rio Grande do Sul. Segundo Kuhn:

a história do Brasil e a história do Rio Grande do Sul significa principalmente romper com certos mitos e desconstruir certas representações do passado (...). A concepção de fronteira utilizada pela historiografia tradicional é uma dessas formas de representação idealizada, que supervaloriza as rivalidades e a exclusão entre povoadores hispânicos e lusitanos. Isso sem falar na exaltação das virtudes quase heróicas de um grupo de colonizadores/conquistadores que garantiu a posse do território rio-grandense para a causa portuguesa e também para o Brasil (2007, p. 23).

Em estudos recentes, acentua-se o caráter de troca na região fronteira, como a historiadora Reichel (2006), que apresenta a fronteira não só como uma linha divisória entre territórios, mas como um espaço marcado pela interação social entre diversos grupos. Reichel (2006) denomina de fronteira-zona esse espaço de intercâmbio, onde os limites são imaginários.

A cultura material proveniente da região fronteira permite novos enfoques sobre a fronteira, como o cotidiano dos habitantes, as trocas culturais entre os moradores de um lado e de outro da fronteira, avaliando assim não apenas os aspectos políticos e econômicos (TOLEDO, 2008).

Considerando-se que o objeto desta pesquisa é uma estância, realizou-se a breve revisão acima para compreender a origem e o papel desse tipo de estabelecimento no Rio Grande do Sul, e algumas mudanças que ocorreram ao longo do tempo modificando suas funções e características iniciais.

A Estância Santa Clara e as intervenções arqueológicas

O Sítio Arqueológico Ruínas da Estância Santa Clara ainda não havia passado por nenhum procedimento de intervenção arqueológica até o ano de 2009. A descoberta do sítio arqueológico foi possível devido a informações de moradores locais que acompanharam os trabalhos de campo realizados no município de Quaraí. O interesse do proprietário atual, Ivo Wagner, foi fundamental para o início das pesquisas, permitindo que o LEPA realizasse as primeiras atividades de campo no sítio, contribuindo assim, para o conhecimento dessa estância e conseqüentemente das estâncias da região da fronteira do Brasil com Uruguai.

As terras da estância foram adquiridas por volta da década de 1970 por Ivo Wagner e tiveram seu período de ocupação estendido até os anos 90 do século passado, o que explica a existência de materiais construtivos recentes junto a materiais característicos do século XIX. Segundo relato do proprietário atual, um dos primeiros proprietários da Estância teria sido José Aires. Mas, até o momento, não conseguimos informações que confirmem essa afirmação.

As informações orais são importantes nesses casos em que se estuda um sítio que foi ocupado em tempos presentes ainda na memória das pessoas. Além disso, a informação oral “puede ser entendida como la historia que las personas comunes llevan consigo” (ORSER, 2000, p. 38)³. Com relação aos artefatos, elas podem ser empregadas para mostrar como um item material específico era produzido e usado. Temos como exemplo, no caso da Estância Santa Clara, quando o proprietário afirma que as telhas e tijolos eram produzidos no próprio local, explicando assim a rusticidade desses materiais construtivos. As informações orais ainda são importantes para registrar elementos da arquitetura vernacular⁴.

Foram realizadas duas intervenções no sítio arqueológico, em abril e junho de 2009, visando conhecer o local, as estruturas remanescentes, e resgatar a cultura material. A primeira intervenção no sítio arqueológico ocorreu no dia 28 de abril de 2009, sob a

³ pode ser entendida como a história que as pessoas comuns levam consigo. (ORSER, 2000, p. 38)

⁴ Arquitetura Vernácula: formas de desenho arquitetônico que não são ensinadas nas escolas de arquitetura, que refletem mais diretamente as visões de uma cultura sobre o que constitui uma boa construção (ORSER, 2000, p. 107).

orientação do Professor Doutor Saul Eduardo Seiguer Milder. Inicialmente efetivou-se o contato com o proprietário atual, que contribui com informações importantes, como período de aquisição, antigos proprietários, atividades realizadas na Estância, sobre as possíveis origens e a produção de alguns dos materiais construtivos.

Após o testemunho oral do proprietário, fez-se um reconhecimento do terreno, que se denomina prospecção ou *survey*. Inicialmente foram identificadas duas estruturas no sítio arqueológico, a casa/sede da estância (Figura 1) e uma estrutura ao lado, que segundo o proprietário seria um galpão.



Figura 1: casa/sede.
Fonte: Acervo LEPA/UFSM

Ao observar aspectos construtivos da estância, percebe-se a simplicidade das construções, buscando atender as necessidades básicas e não o requinte, adequando a construção aos recursos disponíveis, com o aproveitamento de materiais locais para a construção. A partir da segunda metade do século XIX ocorreu uma crescente introdução de materiais manufaturados, como tijolos e esquadrias. As paredes de tijolos são indício da influência do período industrial (LUCCAS, 1997).

Assim, nessa primeira intervenção, foi realizado o registro fotográfico e medição das duas estruturas encontradas. Buscou-se registrar e reproduzir em desenho as estruturas remanescentes, tendo em vista que esses vestígios estão sofrendo a degradação constante por fatores naturais e antrópicos. Esse registro pode possibilitar que outros pesquisadores se debrucem no trabalho de reconstituir o sítio em questão, lembrando que:

A reconstituição proposta pelo arqueólogo é sempre subjetiva (ou seja, depende em boa parte de sua imaginação, incrementada com outros estudos e muito conhecimento sobre o povo e a época estudada; além de noções de arquitetura, por exemplo), pois os dados encontrados e anotados devem ser interpretados pelo escavador e diferentes estudiosos podem chegar a propor interpretações diversas (FUNARI, 2003, p. 32)

Na área dos fundos da casa havia grande ocorrência de materiais arqueológicos em superfície, devido à ação de roedores da região, que ao cavar suas tocas removem os vestígios materiais, juntamente com a terra, para a superfície. Dessa forma, constatou-se que o sítio sofre com esses processos de bioturbação, que acabam alterando o registro arqueológico.

Nessa área foram abertos cinco poços-teste, objetivando verificar a estratigrafia do sítio e a ocorrência de materiais arqueológicos em subsuperfície. Havia grande quantidade de vestígios ósseos, materiais construtivos, alguns fragmentos de louça, lítico, vidro e metal. Em média os poços-teste atingiram 50 cm de profundidade, identificando-se uma camada de carvão de 25 a 30 cm abaixo da superfície, o que pode indicar que nesse local houve a incineração de lixo em algum momento das diversas ocupações. O solo é bastante arenoso, na primeira camada percebe-se grande quantidade de matéria orgânica, já a segunda camada é areno argilosa.

Foram resgatados fragmentos louça e cravos que apontam para uma ocupação do século XIX. Há também presença de ocupações pré-históricas, o que se evidencia pela presença de material lítico, que não serão abordadas neste trabalho, pois o objetivo do mesmo é estudar a ocupação deste local após o período colonial.

Esta intervenção teve um caráter preliminar, pois pretendia-se levantar as informações para a realização de uma outra intervenção. A partir desta, foi possível perceber a margem de ocupação do sítio (final do século XIX até final do século XX), a cultura material presente (louça, materiais construtivos, ossos, metais, vidros) e a ocorrência de mais de uma ocupação.

Nos dias 11, 12, 13 e 14 de junho de 2009 foi realizada uma segunda prospecção arqueológica nas Ruínas da Estância Santa Clara, com o objetivo de evidenciar os locais de maior concentração de materiais arqueológicos e buscar elementos que possibilitassem uma maior compreensão das estruturas e dos diferentes períodos de ocupação da estância.

A primeira atividade da prospecção foi um *Full Coverage Survey* na frente das estruturas (casa/sede e “galpão”), que consiste na abertura de poços-teste a uma distância delimitada. Esse tipo de intervenção visa fazer uma varredura da dispersão do material arqueológico na área escolhida. Além disso, foram abertas mais duas sondagens, uma na frente da casa/sede (Figura 2), com quatro quadrículas, e outra aos fundos da casa/sede, com seis quadrículas. Os vestígios encontrados foram fragmentos de louça, vidro, telha, metais, ossos e lítico.

Na sondagem realizada nos fundos da casa/sede havia uma concentração muito grande de material arqueológico em todas as quadrículas, com presença de carvão e matéria orgânica, sugerindo que no local havia acúmulo de lixo intencional, ou seja, uma possível área de

descarte. Nas sedes de estância e chácaras do século XIX era comum o descarte aleatório de lixo, mas também faziam buracos para o descarte de lixo doméstico (TOCCHETO, 2004, p. 257).



Figura 2: Sondagem controlada 1. Fonte: Acervo LEPA/UFSM

A noroeste da casa/sede foram abertos seis poços-teste aleatoriamente para averiguar a existência de vestígios materiais nessa área. Foi encontrado fragmentos de louça, vidro, telha e metais, o que levou a constatação de que o material está disperso em toda a área do sítio.

A estrutura denominada de “galpão” encontra-se com as paredes colapsadas. Dessa forma, a atividade proposta inicialmente foi de evidenciamento das paredes caídas, e do piso dessa estrutura. Na parte externa da frente foi aberta uma sondagem de 1m x 1,50m x 0,40 m (sondagem 1), e, a partir, desta uma trincheira de 0,50m x 4m x 0,50 m de profundidade. Na parte interna da estrutura foi removida uma camada de 0,15 m de terra e materiais construtivos até que se evidenciasse o piso (Figura 3).



Figura 3: Piso do galpão. Fonte: Acervo LEPA/UFSM

Ao evidenciar o piso verificou-se que é formado por pedras rejuntadas com cimento. Quando retirou-se um pedaço do piso foi constatada a presença de telhas com espessura semelhante a de alguns fragmentos encontrados no *Full Coverage Survey*. Assim, levantou-se a possibilidade de ter existido outra construção anterior a essa, da qual se reaproveitou parte do material construtivo para fazer essa estrutura.

A frente do galpão foi toda evidenciada, sendo possível observar algumas das aberturas da estrutura, assim como alguns dos pilares de sustentação que caíram para a parte externa, devido ao peso do telhado (duas águas).

Com esta intervenção foi possível verificar os locais de maior concentração de vestígios arqueológicos, localizando uma possível área de descarte intencional de lixo aos fundos da casa/sede. Além disso, percebeu-se a possibilidade de ter existido construções mais antigas que essas que não apresentam mais vestígios em superfície. Reafirma-se, com essa intervenção, a simplicidade das construções, com o aproveitamento dos recursos disponíveis no local para a construção, atendendo às necessidades básicas e não ao requinte.

Cultura Material resgatada no Sítio Arqueológico Ruínas da Estância Santa Clara

Os artefatos, definidos como elementos confeccionados e modificados pela ação humana, são objeto de estudo tanto da arqueologia pré-histórica como da arqueologia histórica (ORSER, 2000, p. 27). Os objetos estudados pela arqueologia histórica são semelhantes aos que continuam em uso hoje, tanto na sua forma quanto na sua função. Nas Ruínas da Estância Santa Clara, esses artefatos compreendem fragmentos de louça, tralha metálica, vestígios ósseos, materiais construtivos e vidro. Além desses vestígios foi resgatado material pré-histórico (lítico).

Os vestígios materiais resgatados nos trabalhos de escavação são indícios de relações sociais que, segundo Funari, não devem ser lidos apenas como dados de forma bruta, pois foram produzidos para atender as necessidades humanas, tendo uma função primária, que visa atender a uma utilidade prática ou uma função secundária (simbólica). Os objetos ainda apresentam-se como o “meio de relação” entre os indivíduos que vivem em sociedade, (...) pois todo o relacionamento das pessoas com o mundo em que vivem passa pelos artefatos” (FUNARI, 2003, p. 33).

Na Estância da Santa Clara foram resgatados 189 fragmentos de louça; 427 fragmentos de ossos (que na maior parte representam vestígios alimentares); 85 peças líticas; 173 fragmentos e 5 frascos inteiros de vidro; 189 metais (envolvendo fragmentos e peças inteiras); e 277 fragmentos de material construtivo (telhas e tijolos).

Esses materiais foram levados para o Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA/UFSM), onde passaram pelo

processo de curadoria (lavagem, catalogação, armazenamento e análise). Dos materiais apresentados acima, aprofundou-se a análise das louças.

Cerâmica Histórica

A denominação cerâmica “abrange todos os produtos derivados de uma composição de argila e outras substâncias minerais, postos ao cozimento para obter solidez e inalterabilidade” (TOCCHETTO, 2001, p. 21). As louças são um dos tipos de cultura material comumente encontrados em sítios históricos e são excelentes indicadores cronológicos, das condições socioeconômicas dos habitantes, das tendências de consumo e escolhas das pessoas.

As louças ainda estão relacionadas a atividades domésticas e aos lugares indicadores dessas atividades, sejam ligadas a alimentação, higiene e descarte. Os contextos domésticos, aos quais estão relacionadas as louças, possibilitam a interpretação do cotidiano, das práticas e do local onde se vive (TOLEDO, 2008, p.28, 29)

A análise das louças baseou-se na descrição da pasta (faiança, faiança fina, *Ironstone*, porcelana, grés, cerâmica vidrada e louça moderna), do esmalte (*creamware*, *pearlware* ou *whiteware*), decoração e forma (prato, xícara, etc.). Quanto à categoria pasta foram encontrados fragmentos de faiança fina, *ironstone*, grés e louça moderna (Figura 4, 5, 6 e 7, respectivamente; Gráfico 1). Há predominância no sítio do tipo de louça faiança fina, bastante popular no Brasil durante todo o século XIX, que começou a ser importada da Inglaterra após a abertura dos portos em 1808.

No início do século XIX, o Brasil passou a receber gêneros industrializados importados dos centros europeus, passando a integrar, como um novo mercado consumidor, a economia mundial em processo de consolidação do capitalismo. Com o processo de industrialização se intensificando, novos mercados e novos consumidores passaram a ser atingidos, antes impossibilitados de adquirir produtos dirigidos a setores com alto poder aquisitivo.

Dentre a variedade de itens produzidos pela indústria européia, destacam-se as louças, e “no final dos setecentos, a faiança fina, de custo inferior a porcelana, viabilizou a produção em massa e a popularização de itens de uso cotidiano e doméstico” (TOCCHETTO, 2004, p 179). As louças de produção inglesa passaram a ser consumidas em quase todo o mundo, sendo que os mesmos produtos eram consumidos em vários lugares do mundo, constituindo a expressão pioneira do consumo em massa.



Figura 4: Faiança fina



Figura 5: Ironstone

Fonte: Acervo LEPA/UFSM



Figura 6: Grés



Figura 7: Louça moderna

Fonte: Acervo LEPA/UFSM

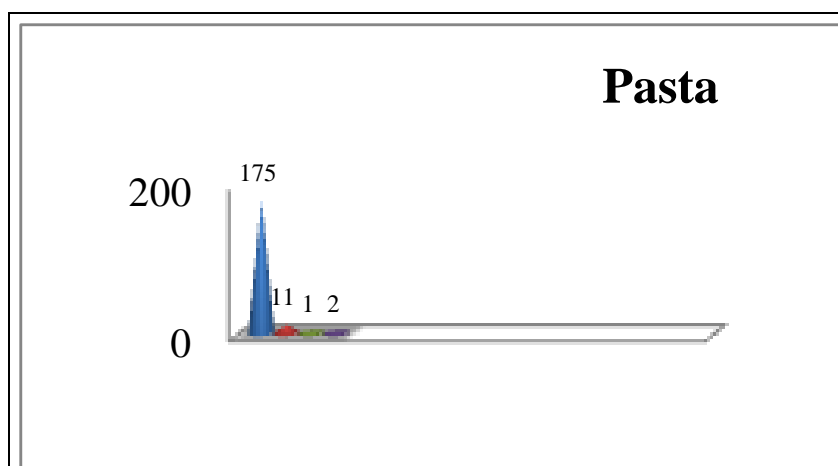


Gráfico 1: Tipos de pasta da louças resgatadas

Dos 189 fragmentos, 175 são de faiança fina, 11 *ironstone*, 1 grés e 2 louças modernas. Abaixo seguem as definições dos tipos de pasta encontrados na Estância Santa Clara:

-Grés: O grés apresenta textura forte, densa, impermeável, de grão fino, cozidos a alta temperatura e levados a vitrificação total. O grés se faz presente desde o século XVII até os dias de hoje no país, sendo que é utilizado também em louça sanitária e isolantes elétricos (ZANETTINI, 1986, p. 121). O grés dispensa a aplicação de vidrados e esmalte para tornar-se impermeável. A sua impermeabilidade é característica da pasta composta por substâncias que a altas temperaturas entram em semifusão ou vitrificação total (PEIXOTO, 2004, p. 17).

-*Ironstone*: O tipo de louça *ironstone* é uma louça semivítrea, de dureza intermediária entre a faiança fina e a porcelana, que começou a ser produzida na Inglaterra no começo do século XIX. A preponderância desse tipo de louça é do final do século XIX. Na Estância

Santa Clara há presença de *ironstone* decorado com frisos dourados, que se tornou popular após a década de 70 do século XIX.

-Louça moderna: A louça moderna surge com o avanço da industrialização sendo fabricada a partir de uma matéria-prima mais barata, o que a torna mais acessível a níveis sociais não alcançados por outros tipos de louça, que apresentam custo maior para a fabricação.

-Faiança fina: A faiança fina ou louça inglesa é uma louça com pasta permeável, opaca, de textura granular, e quebra irregular, que para tornar-se impermeável a líquidos precisa ser revestida com esmalte. A faiança fina resultou de uma revolução na indústria cerâmica inglesa do século XVIII e representa um esforço para superar a faiança clássica e alcançar a porcelana no Ocidente. Elementos da faiança fina como o esmalte, a técnica de decoração e a decoração “fornecem indicações referentes, entre vários aspectos, a tendências de consumo e gosto, bem como ao período de fabricação das peças” TOCCHETTO, 2001, p. 23).

Um dos atributos analisados na faiança fina é o esmalte, que pode ser *creamware*, *pearlware* ou *whiteware*. A louça *creamware* é uma louça de corpo creme com esmalte de coloração esverdeada devido a aplicação de óxido de chumbo, foi produzida a partir de 1759. Esse tipo de louça começou a ser superada pelo tipo *pearlware* por volta de 1810. O esmalte *pearlware*, produzido a partir de 1779, apresenta tons azulados observados principalmente nos pontos de acúmulo (bordas e bases), devido ao acréscimo de óxido de cobalto. Por volta de 1830 e 1840 esse tipo de esmalte foi sendo abandonado, dominando o tipo *whiteware*, que começou a ser produzido a partir de 1820 e que continua sua produção até hoje, pois seu custo é mais baixo. A louça de esmalte *whiteware* é extremamente branca (TOCCHETTO, 2001, p. 23, 24)

Ao analisar os fragmentos da Estância Santa Clara, onde predominam faianças finas, permitiu-se a classificação “*whiteware ou pearlware*” para o esmalte, isso em fragmentos que não apresentam pontos de acúmulo de esmalte (bordas e bases), que facilitam a identificação do esmalte *pearlware*. Predominam louças com esmalte *whiteware* naqueles fragmentos onde é possível verificar os acúmulos de esmalte. Apenas dois fragmentos são classificados como *creamware* (Gráfico 2), esmalte esse encontrado em grande quantidade em sítios arqueológicos da primeira metade do século XIX. Esses dados do esmalte das louças contribuem para inferir que a Estância apresenta ocupações mais no final do século XIX e início do XX.

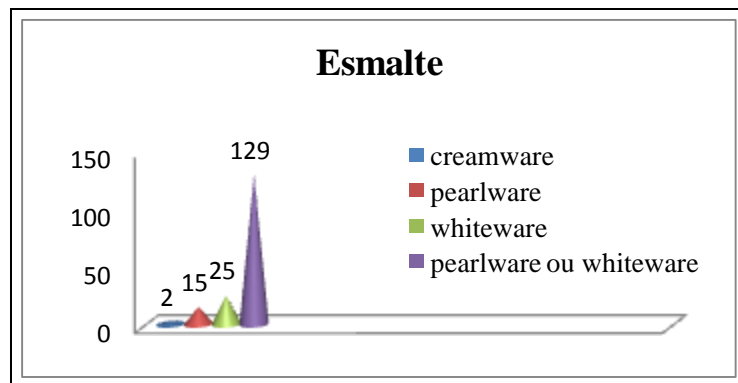


Gráfico 2: Tipos de esmalte na faiança fina

Quanto às decorações das louças, elas podem ser divididas em três categorias, a primeira delas é superfície modificada. A segunda é a pintura, que pode ser pintada a mão livre, pintada a mão com impressão ou, pintura mecânica. Ainda existe uma terceira categoria, feita a partir da queima, onde a adição de produtos químicos pode modificar a pintura.

Na primeira categoria, superfície modificada, apareceram nas intervenções fragmentos com o padrão Trigal (Figura 8), caracterizado pela presença de ramos de trigo na borda. E o padrão *Shell Edged*, caracterizado pela presença de linhas curtas perpendiculares a borda, esse tipo de decoração pode apresentar a superfície modificada ou não (Figura 9).



Figura 8:Trigal

Figura 9:Shell edged

Fonte: Acervo LEPA/UFSM

Na segunda categoria, pintada a mão livre, foram resgatados fragmentos em dois estilos na estância Santa Clara, o *spring style* e o *peasant style*. O primeiro estilo consiste em pinceladas finas cobrindo pequenas áreas da peça, já o segundo é caracterizado por pinceladas largas que cobre quase toda superfície da peça. O tipo de decoração *peasant style* foi empregado entre 1810 e 1860.

Quanto às louças pintadas manualmente por impressão foram encontrados os seguintes tipos:

- Faixas e frisos: pintura de faixas e frisos ao redor da peça.
- sponge*: aplicação de pintura com auxílio de uma esponja.
- spatter*: consiste em salpicar tintas com uso de pincel.

-carimbada: técnica que consiste na aplicação de decoração com o auxílio de um carimbo.

Além de fragmentos pintados a mão livre e a mão com impressão, apareceram fragmentos decorados com pintura mecânica, conhecidos como *transfer printing* (Figura 10), um processo mecânico de impressão por transferência, que permite a repetição do desenho em várias peças. Outro tipo de decoração encontrado foi o borrão, tipo de técnica em que são adicionados produtos químicos durante a queima (Figura 11).



Figura 10: *Transfer Printed*



Figura 11: Borrão Azul

Fonte: Acervo LEPA/UFSM

As decorações encontradas nas Ruínas da Estância Santa Clara são bastante diversificadas e apontam para uma ocupação a partir da segunda metade do século XIX. Apareceram fragmentos com o padrão *Shell Edged* sem incisões, cuja produção se manteve até o final do século XIX, com o padrão trigal, produzido a partir de 1851, carimbada, e faixas e frisos que foram populares após 1860 (TOCCHETO, 2004, p.148).

Segundo o catálogo de louças da Residência Conselheiro Maciel, elaborado por Luciana da Silva Peixoto, o período de fabricação do tipo de louça decorada, pintada a mão com impressão, do tipo *spatter* é de 1820 até a década de 60 do século XIX. E do tipo *sponge* o período de fabricação é de 1860 até 1935.

Alguns fragmentos resgatados apresentam selos que identificam a procedência e data de fabricação do material como, por exemplo, da fábrica inglesa *J. & G. MEAKIN LTD*. Esta foi fundada em 1851, em Staffordshire, pelos irmãos James e George Meakin, sendo que se destinava à produção de faianças finas. A indicação do país de procedência na marca, *England*, geralmente demonstra que a data de fabricação é posterior a 1891, embora algumas fábricas já tivessem adotado esta prática um pouco antes. Após 1861 algumas marcas passaram a incorporar o termo *Limited* (Ltd, Ld, etc.), porém a maioria passou a utilizá-lo mais tardiamente.

Com base nas decorações das louças produzidas entre os últimos anos do século dezoito até a década de 1880 na Inglaterra, Miller (1980, 1991) classificou a faiança fina em

uma escala econômica (TOCCHETTO, 2004, p. 193). Quatro níveis foram estabelecidos, com uma escala crescente quanto aos preços:

1º nível- louças não decoradas, incluindo as com esmalte *creamware, pearlware* e *Whiteware*.

2º nível: decorações simples, pouco complexas: *Shell Edged, sponge, spatter, dipped*.

3º nível: louças pintadas a mão com motivos florais, geométricos e paisagens chinesas estilizadas.

4º nível: louças decoradas pela técnica *transfer printing*.

No sítio analisado foram encontrados tanto fragmentos de louças com valor mais elevado quanto de custo menor. A decoração que predomina é o borrrão, faixas e frisos, e carimbada, decorações essas de custo mais elevado. Em segundo, aparecem louças mais baratas, como *Shell edged, spatter, sponge*. Esses dados demonstram os moradores da estância tinham condições para adquirir louças de custo mais elevado, mas nem por isso se preocuparam em adquirir conjuntos completos.

As análises da louça resgatada no sítio apontam para a inexistência de conjuntos completos e luxuosos, mas deve-se levar em consideração que em um ambiente rural existiam outras formas de demonstrar *status*, como por exemplo, a posse de terras e não tanto através dos objetos utilizados, até mesmo por uma questão de difícil acesso. O consumo era mais intenso em áreas urbanas, onde as pessoas se preocupavam mais em ostentar através da aquisição de conjuntos de louça.

O estudo das louças, além possibilitar estabelecer cronologias, pode possibilitar a compreensão de aspectos do cotidiano dos habitantes, como comportamento, os gostos, escolhas, poder aquisitivo, status e afirmação da hierarquia entre as pessoas que habitavam a estância. O consumo pode ser um indicativo de status social, quando a partir das suas escolhas as pessoas buscam se diferenciar de segmentos situados em posições sócio-econômicas inferiores. Segundo Lima:

Artefatos são produtos de construções mentais e as pessoas os utilizam para falar aos outros sobre si mesmas e sobre sua visão de mundo. Os indivíduos revestem os objetos de significados, projetam neles seus desejos inconscientes, manipulam sua carga simbólica, reforçam através deles suas posições na hierarquia social, de tal forma que eles são representações tangíveis de uma intrincada trama de relações (1997, p. 12).

Não se pode afirmar que as louças tinham caráter apenas utilitário, sem nenhum significado para os moradores, até porque o uso de louça foi uma necessidade criada pelo

desenvolvimento industrial, antes outros objetos eram utilizados para cumprir as funções das louças. O consumo não pode se reduzir apenas à exibição de status e caráter utilitário das peças. Segundo Tocchetto:

A cultura material informa sobre atitudes, valores, modos de vida e sua interpretação caminha na direção de seu papel simbólico na conformação de limites sociais, divisões culturais e posições na estrutura social (Lima, 1999) de homens e mulheres dos grupos sociais domésticos. Informam sobre a conformação a normas sociais, a condutas compartilhadas e aceitas como certas, mas também sobre a ação dos indivíduos, sua participação ativa na condução de sua vida cotidiana, suas intenções e consciência prática (2004, p. 22).

Através do estudo das louças foi possível reconhecer o período de ocupação da Estância Santa Clara. Percebeu-se também a variedade de decorações das louças nesse ambiente rural, não havendo conjuntos completos. Essa ausência pode estar ligada a dificuldade de acesso ao comércio, ou também a não necessidade de ostentação através desse tipo de objeto, mesmo que os moradores tivessem condições econômicas para adquirir louças mais caras.

Considerações Finais

O estudo realizado apresentou os primeiros resultados das intervenções nas Ruínas da Estância Santa Clara, cujas pesquisas iniciaram no ano de 2009. A partir da arqueologia histórica retomou-se parte do passado desta estância habitada por pessoas que não tiveram muitos registros preservados, a não ser a cultura material.

As primeiras intervenções arqueológicas foram relatadas detalhadamente, desde a metodologia aplicada em campo até o tipo de material encontrado. Através dessas intervenções foi possível reconhecer as principais estruturas que compõe a estância, assim como a possibilidade de existência de outras estruturas não mais visíveis no sítio. Identificaram-se áreas de concentração de vestígios materiais, que futuramente podem ser explorados em novas atividades, como o local aos fundos da casa/sede, um local que poderia ser destinado ao descarte de lixo em alguma das ocupações do sítio. Além disso, percebeu-se o aproveitamento dos recursos disponíveis na localidade para a realização das construções, que atendem as necessidades básicas dos moradores, não sendo construções nem um pouco rebuscadas.

A cultura material, presente no sítio, representa os diversos momentos que o território foi ocupado, desde ocupações pré-históricas a ocupações históricas. Alguns aspectos dessa

cultura material foram apresentados, principalmente das louças, que indicam o período de ocupação do sítio, alguns hábitos de consumo e significados que as louças poderiam ter para os habitantes da estância.

Quanto às louças, cuja predominância é de faiança fina, não se pode afirmar que tivessem apenas caráter utilitário, elas representavam algum significado para os moradores, como por exemplo, a própria distinção entre proprietários e trabalhadores. A variedade de decorações, da faiança fina, é um indício de que não havia preocupação com ostentação a partir de conjuntos completos de louça, ou até mesmo sugere dificuldade de acesso ao comércio no momento de ocupação em que se consumia louça importada.

Considera-se que foi dado o primeiro passo para o desenvolvimento das pesquisas nesse sítio, já que este foi o primeiro estudo sistemático da estância Santa Clara. A construção do conhecimento é um processo gradual e nem sempre as primeiras pesquisas abrangem todo potencial de investigação de um objeto de estudo, sendo necessário aprofundar a pesquisa, utilizando novas fontes e realizando novas intervenções.

Referências

ALBUQUERQUE, Marcos. **Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração**. CLIO-Série Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE. Recife, 1 (8): 131-151, 1993.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo, FOGOLARI, Everson P. (orgs.). **Estudos de Arqueologia Histórica**. Erechim: 2005.

FUNARI, Pedro Paulo. **Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica**. In: Mneme: Revista de Humanidades. Dossiê Arqueologias Brasileiras, v.6, n.13, dez.2004/jan. 2005. Disponível em [HTTP://www.sool.com.br/mneme](http://www.sool.com.br/mneme).

FUNARI, P.P.A. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. In: **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas**. Andrés Zarankin e Maria Ximena Senatores (orgs.), Buenos Aires, Ediciones Del Tridente, 2002, 107-116.

GOMES, Flamarion Freire da Fontoura. **Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1928-1905)** Um Estudo de Caso em Arqueologia Histórica Rural. Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, Porto Alegre, 2001.

KÜHN, Fábio. A fronteira em movimento. In: **Breve história do Rio Grande do Sul** – 3. ed. ampl. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

LIMA, Tânia Andrade. **Arqueologia Histórica na América do Sul: Um desafio para a próxima década.** Arqueología Uruguaya hacia el fin del milenio. Tomo I-IX Congreso Nacional de Arqueología. Colonia del Sacramento-Uruguay- 16 a 19 de junio de 1997.

LUCCAS, Luis Henrique Haas. **Estâncias e fazendas: uma contribuição ao estudo da arquitetura tradicional riograndense.** Este artigo foi extraído da seguinte dissertação de Mestrado em Arquitetura: Estâncias e fazendas: arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, PROPAR/UFRGS, 1997. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.071/363>. Acessado em 9 setembro de 2010.

NAJJAR, Rosana. **Arqueologia histórica: manual**, Brasília: IPHAN, 2005.

ORSER Jr., Charles E. **Introducción a la Arqueología Histórica.** Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología y Ediciones del Tridente, 2000. Tradução de Andrés Zarankin.

OSÓRIO, Helen. Estrutura agrária e ocupacional. In: Boeira, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). **História do Rio Grande do Sul** – Colônia. Passo Fundo: Méritos, 2006. v.1 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

PEIXOTO, Luciana da Silva. **Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro Maciel.** Monografia (Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

REICHEL, Heloisa Jochims. Fronteiras no espaço platino. In: Boeira, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). **História do Rio Grande do Sul** – Colônia. Passo Fundo: Méritos, 2006. v.1 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

SILVA, Nery Luiz Auler da. **Velhas fazendas sulinas: no caminho das tropas do planalto médio século XIX**. Passo Fundo, 2003.

THOMASI, Diele Ilha. **Metais da Estância Velha do Jarau-Quaraí-RS: uma análise do cotidiano de uma estância na fronteira Brasil-Uruguaí no século XIX através da Arqueologia Histórica**. Monografia de especialização (Pós Graduação em Arqueologia – Processos Interdisciplinares em Arqueologia, URI), Erechim: 2008.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin; et al. **A Faiança Fina em Porto Alegre: Vestígios arqueológicos de uma cidade**. Porto Alegre: Secretária Municipal da Cultura, 2001.

TOCCHETTO, Fernanda. **Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista**. Tese de Doutorado em História PUCRS – Arno Alvarez Kern, 2004.

TOLEDO, Grasiela Tebaldi. **A Estância Velha do Jarau e o contexto fronteiriço: os lugares e as louças no espaço doméstico**. Monografia apresentada no Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2008.

XAVIER, Paulo. A Estância. In: **Rio Grande do Sul Terra e Povo**. Porto Alegre, 1964.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. In: **ARQUEOLOGIA: Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Volume 5. Curitiba. 1986. P. 117 a 130.